

A HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS COMO CAMPO PARA A COMPREENSÃO DOS DICIONÁRIOS ONLINE¹

THE HISTORY OF LINGUISTIC IDEAS AS A FIELD FOR ONLINE DICTIONARIES COMPREHENSION

Ronaldo Adriano de Freitas²
Instituto Federal Fluminense

Vanise Gomes de Medeiros³
Universidade Federal Fluminense

Resumo: O presente artigo apresenta bases teóricas da História das Ideias Linguísticas que fundamentam a compreensão do funcionamento do buscador de internet Google como dicionário online. Para isso, tomamos o processamento automatizado de recortes textuais apresentados nos resultados de buscas efetuadas na internet por itens lexicais, como prolongamentos do funcionamento de instrumentação linguística característico dos dicionários. Propomos assim que o funcionamento tecnológico e linguístico desses artefatos compreende a produção daquilo que denominamos “comandos autonímicos procedimentais”, os quais participam do funcionamento da linguagem pela instituição de modos de dizer legitimados na própria linguagem. Na busca por tal compreensão, relacionamos a questão de saberes e conhecimentos dicionarísticos e enciclopédicos, apresentando reflexões sobre tais definições. Apresentamos, ainda, tomadas do trabalho de Auroux acerca da definição e do exemplo como constitutivos do modo de produção que permite considerar o funcionamento dicionarístico das ferramentas de busca.

Palavras-chave - Dicionários online; definição; exemplos; recorte automatizado.

Abstract: This article presents theoretical bases of the History of Linguistic Ideas that support the understanding of the functioning of the Google internet search engine as online dictionaries. For this, we take the automated processing of textual clippings presented in the search results made on the Internet for lexical items, as extensions of the linguistic instrumentation characteristic of dictionaries. We thus propose that the technological and linguistic functioning of these artifacts comprises the production of what we call “procedural autonimic commands”, which participate in the functioning of language by the institution of legitimate ways of saying in the language itself. In the search for such understanding, we relate the question of knowledge and dictionary and encyclopedic knowledge, resuming reflections on such definitions. We also present Auroux's work on definition and example as constitutive of the mode of production that allows us to consider the dictionary mode of the search engine operation.

Keywords - Online dictionaries; definition; example; automated clipping.

¹ O presente trabalho é um recorte de capítulo da tese de doutorado de Freitas (2020). Por sua vez, a construção desse capítulo se deu no âmbito do curso *Estudos em História das Ideias Linguísticas*: ler Sylvain Auroux (PPGEL-UFF), ministrado pela professora Vanise Medeiros, orientadora da tese. As ideias aqui desenvolvidas resultam das proposições temáticas e bibliográficas da professora, das atividades realizadas pelo orientando na disciplina, e das notas escritas pela professora em comentário a essas atividades.

² Professor do Instituto Federal Fluminense. Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: ronaldo.freitas@ifff.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6081-5146>

³ Professora associada da UFF, com pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle Paris III. Bolsista 2 do CNPq e Cientista do Nosso Estado (2018-2021). Coordenadora do Grupo Arquivos de Língua (GAL) e uma das coordenadoras do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) da UFF. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6998-9377>.

Submetido em 30 de julho de 2020.

Aprovado em 18 de novembro de 2020.

Introdução

Fazer História das Ideias Linguísticas é ocupar uma posição teórica que procura produzir conhecimento sobre a linguagem por meio da reflexão sobre o modo como saberes sobre ela são historicamente produzidos. O presente artigo apresenta reflexões teóricas sobre a consideração do funcionamento tecnológico dos buscadores de internet como prolongamentos do funcionamento dicionarístico/enciclopédico constituído historicamente.

Esse funcionamento permite que denominemos *dicionário automatizado* ao conjunto de formulações produzidas pela manipulação algoritmizada ou artificialmente/eletronicamente processada, que visa definir, explicar, classificar ou exemplificar itens lexicais simples ou compostos mediante a consulta em sistemas de buscas ou assistentes digitais, retomadas ou não pela designação de dicionário – mecanismo que faz com que, ao ser interpretado como um termo sobre o qual o usuário deseja receber informações, o Google funcione como um dicionário ao reconhecer itens lexicais.

Se a produção de dicionários online é um fenômeno exclusivo de nosso tempo, ela não acontece sem uma memória e um conjunto de saberes que a antecedem e não cessam de produzir sentido na atual configuração da produção do saber. “Todo conhecimento é uma realidade histórica” cujo modo de existência é “a temporalidade ramificada da constituição do saber” (AUROUX, 2009, p. 12).

No intuito de compreender as ramificações dessa constituição, procuramos encontrar na História das Ideias Linguísticas um lugar para as novas formas de produção de dicionários nessa relação de saberes. Consideramos, assim, os dicionários online como pontos de conexão entre um horizonte de retrospectão (em que se retomam saberes constituídos na longa duração do tempo) e um horizonte de projeção⁴ (no qual se antecipa a crescente virtualização dos modos de produção de conhecimento).

⁴ Termos tomados de Auroux (1998b, 2009...).

1. Instrumentação linguística e comandos autonômicos procedimentais

Ao considerar dicionários e gramáticas como instrumentos linguísticos (ferramentas), a teoria desenvolvida por Auroux (1998a 1998b, 2009...) estabelece uma comparação entre os instrumentos linguísticos e as ferramentas mecânicas, que modificam os gestos produzidos por quem os utiliza. O prolongamento da mão pelo uso do martelo, no exemplo clássico dado por Auroux (2009, p. 70), ilustra que a utilização de instrumentos caracteriza/modifica/define o que é próprio do ser humano, pela naturalização de seu uso. Assim como a mão humana é modificada (em seus gestos e possibilidades) pelo uso de ferramentas, a própria estrutura da linguagem humana é alterada pelo uso dos instrumentos linguísticos.

Os dicionários online, em suas diversas formas de organização, são parte do processo de gramatização que compreende o funcionamento da língua. No desenvolvimento teórico de Auroux, tomada como instrumento linguístico, a gramática não é o “conhecimento” de manifestações linguísticas, mas um instrumento que, ao sistematizar o uso, confere-lhe outras propriedades (afeta o sistema). Trata-se de um conhecimento que amplia as competências individuais do falante (AUROUX, 1998b, p. 264) – o que vale também para dicionários, que “reproduzem uma língua unificada e rica, que ultrapassa o léxico memorizado por um sujeito”⁵ (ibid., p. 265, em tradução livre).

A descrição desse funcionamento demonstra que os instrumentos linguísticos operam não como reflexo de uma consciência metalinguística, mas, na verdade, como “fábricas de línguas” (ibid., p. 264); princípio que evocamos para, a partir também de Auroux (1998b), apontar a necessidade de se estudar o que neste artigo propomos como “processo de regramento linguístico”, que trabalha a gerir o comportamento linguístico pela internalização de regras em circulação social. Nessa direção, gramáticas e dicionários são trazidos como modos de institucionalização de uma metalinguagem constitutiva desse regramento.

No processo de regramento linguístico, a descrição materializada nos objetos técnicos em circulação social produz efeitos nas ocorrências. A teoria dos instrumentos linguísticos é, dessa forma, contrastada à possibilidade da descrição linguística “neutra” proposta pelas teorias gerativas, que, ao propor um “locutor/ouvinte ideal, produzem uma ‘pirueta teórica’” (AUROUX, 1998b, p. 268). Essas teorias, segundo o autor, não

⁵ « Utiliser un dictionnaire, c’est reproduire une langue unifiée et riche, qui dépasse le lexique mémorisé par un sujet » (AUROUX, 1998b, p. 256).

contemplam o fato de que essas regras (internas), que geram o comportamento linguístico, são na verdade, internalizadas.

Nisso culmina a sustentação teórica produzida pela HIL para o estudo dos dicionários online aqui proposto: a complexa relação entre o conhecimento epilinguístico e o conhecimento metalinguístico: a linguagem é “um sistema regulado pela sua própria imagem” (AUROUX, 2009, p. 18); o que implica na interferência do saber metalinguístico para o conhecimento epilinguístico; ou seja, no fato de que o saber metalinguístico, em seus variados níveis de organização e distintas formas de materialização, é constitutivo da própria linguagem.

Assim sendo, para o autor, adquirir uma linguagem é adquirir conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos, hipótese que, levada a sério, estabelece um paradigma alternativo/complementar ao proposto por Chomsky: adquirir uma língua é a ativação de regras internalizadas que ocorre pelo estímulo advindo da exposição a uma língua, tal qual estabelece o pesquisador gerativista, mas é também o confronto dessas regras a conhecimentos formuláveis sobre a linguagem, que Auroux apresenta sob a fórmula “não se diz..., se diz ...” (AUROUX, 1998b, p. 263).

Nessa direção, o autor defende que os avanços mais espetaculares da teoria linguística estão na abstração da realidade das regras (sem a preocupação de que se tratem de normas sociais, conscientes e formuladas) e na construção de modelos gerais de atos de fala e de usos, sustentados na estrutura dos enunciados. Paralelamente ao processo de elaboração/percepção/ativação das regras que constituem o saber epilinguístico, se desenvolve o processo de regramento linguístico pela fixação do que aqui denominamos comandos autonímicos⁶ procedimentais. Esses comandos são de diversas ordens (e sempre interditórios), como ilustramos a seguir, produzindo uma expansão do exemplo dado pelo autor:

⁶ Termo que tomamos de Authier-Revuz (1999) ao tratar da modalização autonímica e discurso outro.

Interditório: não se diz *x*; é feio falar *x*;

Substitutivo: não se diz *x*, se diz *y*;

Preferencial: melhor falar *x* do que *y*

Alternativo: você pode também falar *x*;

Modelar: fale *x*; repita *x*;

Designatório: isso se chama *x*, (chame por tal nome).

Inquisitório: o que você quis dizer com *x*? Isso quer dizer que *x*?

Tais comandos fazem parte do aprendizado/aquisição de uma língua (seja primeira ou segunda língua), em diferentes estágios, e são parafraseados na produção dos instrumentos linguísticos, constituindo uma memória muitas vezes não consciente, que gerencia o uso das formas linguísticas. Neles se manifestam saberes metalinguísticos, produzidos ao longo do tempo, em constante atualização, formalizados em diferentes níveis e distribuídos de forma desigual. O processo de gramatização, pelo qual uma língua é instrumentalizada, consiste num algo grau de formalização desses saberes, e acentua os efeitos injuntivos dos saberes metalinguísticos sobre as formas espontâneas do saber epilinguístico.

Percebemos, então, que o quadro epistemológico construído por Aurox não se limita ao arquivamento, datação e estabelecimento de relações entre saberes que se produzem sobre a linguagem, mas na investigação de como esse saber metalinguístico é constitutivo da própria linguagem; permitindo-nos avançar na compreensão do lugar ocupado pela multiplicação das tecnologias digitais/em rede na constituição desse saber. Ao enfatizarmos que o desenvolvimento dessas tecnologias (e assim, a produção de dicionários online) não é sem um horizonte de retrospectão, enfatizamos que a produção dos saberes neles em circulação é produto da acumulação e esquecimento que os caracterizam.

Três momentos em que a acumulação característica desse saber resultou em artefatos que deslocaram a história da humanidade ocupam lugar central na reflexão (histórica) do saber metalinguístico próprio ao desenvolvimento da linguagem; a esses momentos, Aurox denomina “revoluções tecnolinguísticas”:

- **O surgimento da escrita**, que muda radicalmente a organização do pensamento permitindo a passagem de uma protometalinguagem à metalinguagem de fato: “um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior. Ele precisa de técnicas autônomas e inteiramente artificiais” (AUROUX, 2009, p. 21).
- **O processo global de gramatização**, que do século V ao XIX, sobre a base da gramatização greco-latina, produziu uma rede homogênea de comunicação, alterando sua ecologia, de modo que “sem a segunda revolução técnico-linguística, as ciências modernas da natureza não teriam sido possíveis nem em sua origem, nem em suas consequências sociais” (ibid., p. 36).
- **A mecanização da linguagem**, de que somos contemporâneos e cujos efeitos experimentamos em nossa realidade.

as tecnologias informáticas da linguagem utilizam tudo o que, nos produtos da gramatização, presta-se a um tratamento automatizado, notadamente as gramáticas e os dicionários, e não é nada difícil prever que, sob sua pressão, a forma e o conteúdo desses instrumentos tenderão cada vez mais a se concentrar com as exigências do tratamento automático (AUROUX, 1998a, p. 289, 290).

Auroux faz assim uma séria advertência quanto aos processos que vivenciamos: a mecanização da linguagem não consiste em pura adaptação/desenvolvimento tecnológico para que computadores possam processar a linguagem humana, mas de alteração na **forma e conteúdo** dos instrumentos linguísticos, que devem se adaptar às exigências da mecanização; tal fato permite estender a tese central da HIL, de que os instrumentos linguísticos alteram a estrutura da língua para a ideia de que os processos de mecanização da linguagem também produzem essas modificações.

Tais modificações são abordadas por Colombat, Fournier e Puech (2017):

A mecanização da linguagem (o que se chama “tratamento automático das línguas”): ela dá um passo a mais na mesma tripla direção: objetivação/ formalização/ externalização das práticas languageiras, das representações espontâneas ou refletidas das línguas, de sua diversidade e da diversidade de seus usos (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2017, p. 60).

Os autores recorrem a Auroux, Deschamps e Kouloughi⁷ para orientar a compreensão dos instrumentos linguísticos como prolongamento e transformação da expertise humana: “se queremos pensar os instrumentos linguísticos nos termos modernos da I[nteligência] A[rtificial], então devemos concebê-los como as *extensões artificiais da inteligência humana*” (ibid., itálico dos autores), orientação que comparece no presente artigo, na consideração das produções automatizadas de metalinguagem em sua relação com as práticas sociais de linguagem mediadas pela tecnologia.

Ao tratarmos dos dicionários online, cuidamos do processo de absorção e transformação dos saberes acumulados na segunda revolução tecnolinguística pelo desenvolvimento das tecnologias que caracterizam a terceira, o que é marcante nos distintos processos de produção de dicionários online, conforme Freitas (2020), em que observamos um processo que deriva da migração dos dicionários editoriais para a web, passando por formas tecnocolaborativas de produção de conhecimento e culminando com a automatização dessa produção por técnicas de produção artificial de enunciados.

A tomada desses artefatos como objeto de estudo se vale do princípio caracterizador da neutralidade epistemológica, que amplia o escopo de investigação da HIL para além das teorias consolidadas no arcabouço positivista da linguística e traz para o seio da investigação da própria linguística aquilo que ela deixa de fora: a diversidade de instrumentos linguísticos (que não se limitam às gramáticas e dicionários, pois considera a existência de outros objetos técnicos metalinguísticos), as explicações populares, míticas, as técnicas de reprodução de linguagem e o desenvolvimento de sistemas de representação (como a escrita) considerados como atividades metalinguísticas.

A própria linguística, enquanto ciência, é tomada como consequência desse processo de acumulação/transformação que conduz às revoluções tecnolinguísticas. O fato importante para o autor é, portanto, que toda reflexão linguística comparativista, universalista e geral só foi possibilitada por esse processo de transferência tecnológica inicial, cuja rede de conhecimentos estabelecida se torna central para o desenvolvimento disciplinar da HIL (AUROUX, 2009, p. 37), sendo aqui retomada como base para a compreensão da emergência do digital/online na produção de saberes sobre linguagem.

⁷ AUROUX Sylvain, DESCHAMPS Jacques, KOULOUGHY Djamel, *La philosophie du langage*, Paris: PUF. 1996, p. 285.

A relação entre os horizontes de retrospecto e de projeção que operam em cada uma das revoluções tecnolinguísticas pressupõe um dos princípios fundamentais da HIL: a compreensão de que a evolução do conhecimento metalinguístico se caracteriza pela acumulação⁸. Diferentemente do que ocorre em outras ciências modernas, em que o surgimento de um novo saber invalida conhecimentos anteriores, há no desenvolvimento das teorias linguísticas uma permanência⁹ de saberes anteriores – “o saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói o seu passado, como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza” (AUROUX, 2009, p. 12).

O dicionário é descrito por Auroux (1989) como exemplo do modo de existência do saber linguístico cuja historicização deve ser entendida por acréscimos, não de caráter procedural, mas de memórias externas, não lineares, cujo funcionamento remonta às listas de palavras a que se integraram progressivamente diferentes funções: definição, categorização dos itens, sinônimos, pronúnciação, etc. Buscando compreender esse funcionamento, apresentamos, a seguir, concepções a respeito de dicionários, desenvolvidas no escopo da HIL, fundamentando a compreensão histórica desses objetos, tratados a partir das bases teóricas ora apresentadas, como produto da transformação tecnológica do funcionamento dos dicionários.

2. Dicionarização do(s) saber(es)

Para pensar o dicionário online em HIL, situamos algumas reflexões produzidas no bojo dessa teoria sobre o funcionamento dos dicionários, e retomamos as reflexões sobre a mecanização da linguagem que caracteriza a terceira revolução tecnolinguística. Considerando que essa fase produz novas formas de produção que fogem a uma normalização metalinguística já estabilizada (pela escrita colaborativa, ou automatizada, que não necessariamente reproduz a formulação consagrada), iniciaremos nossa reflexão pelos diferentes escopos assumidos pelos dicionários na divisão entre dicionários de língua e dicionários enciclopédicos.

⁸ Leite (2019) lista o princípio da acumulação do saber como ponto que diferencia epistemologicamente a HIL da Historiografia Linguística – disciplina que também se volta para a historicidade dos saberes metalinguísticos, mas centrada nos aspectos contrastivos produzidos pelas rupturas entre os períodos inscritos num determinado clima de opinião (LEITE, 2019, p. 161 -163).

⁹ Embora todo saber opere uma ruptura com o saber que lhe antecede, de modo que não há identidade entre uma gramática (ou dicionário) e outra, esta não funciona sem a memória daquela anterior, de modo que a progressão dos saberes linguísticos produz a realocação dos anteriores, que continuam a produzir efeito nas novas construções.

Tratando assim da abrangência dos saberes/conhecimentos produzidos nesses instrumentos, iniciamos por considerar a relação entre *conhecimento* e *saber* (por vezes evocados indistintamente) que se apresenta na descrição do conhecimento/saber metalinguístico ou enciclopédico. Dezerto (2013), em tese que cuida da disciplinarização do Francês no Brasil, propõe uma distinção entre esses termos. Para o autor:

Conhecimento produzido não tem o mesmo status de conhecimento transmitido. A **produção** do conhecimento funciona de forma diferente da **transmissão** do conhecimento. A partir do conhecimento produzido, cria-se o efeito de transmissibilidade que apreende o conhecimento e o didatiza sob a forma de saber, que pode ser ensinado (DEZERTO, 2013, p. 84, negrito do autor).

Aproximando-nos dessa distinção proposta por Dezerto, consideramos fecundo para a teorização proposta definir o *conhecimento* como um processo, dotado de escalabilidade (conhecer um pouco, conhecer superficialmente, conhecer profundamente); e *saber* uma unidade discreta, produto ou efeito do processo de conhecimento (saber algo). Assim, propomos que os dicionários propiciam formas de conhecimento sobre a linguagem ao articularem saberes produzidos em diferentes temporalidades.

Considerada tal distinção, voltamos para a articulação entre os diferentes tipos de saberes que comparecem na produção dos dicionários, produzindo as classificações de *dicionário de língua* e *dicionário enciclopédico* propostas para os diferentes dicionários, considerando que ao contemplar saberes de diferentes ordem, os dicionários produzidos na internet por vezes rompem com a suposta estabilidade produzida na distinção proposta por essa taxonomia.

A oposição entre componentes metalinguísticos e formulações enciclopédicas é por vezes problematizada no processo de historização dos dicionários. Auroux (2009, p, 73-74) registra a confusão entre enciclopédias e dicionários de língua, dispondo que essa definição só é claramente teorizada por Diderot, na *Enciclopédia* [1755]. Mesmo com essa teorização, a divisão entre esses tipos de obras não é trivial. Tomando os modos clássicos de produção de dicionários (termo que aqui tomado em oposição aos processos de produção online), Rey-Debove (1984) considera três tipos de dicionários:

o dicionário linguístico, que só dá informações sobre os signos, com exclusão da definição (dicionário etimológico, por exemplo); a obra enciclopédica, que só dá informações sobre as coisas, incluindo a definição (dicionário técnico de eletricidade [...]), e o dicionário de língua, que dá informações sobre os signos, incluindo a definição (REY-DEBOVE, 1984, p. 64).

Para em seguida, problematizar a classificação apresentada. Afirmando que a prática não se atém a uma classificação hermética; a autora menciona as “Realizações híbridas: A oposição dicionário de língua/enciclopédia é a de dois modelos abstratos. As obras reais têm geralmente menos coerência e, no limite, já não se pode nem determinar de que elas falam.” (DEBOVE, 1984, p. 65), ao que mais tarde adiciona; “A verdadeira dificuldade, todavia, não é distinguir entre os signos e as coisas, mas apreender um ou o outro desses “conjuntos imprecisos”” (ibid.).

Também o trabalho de Esteves (2017) retrata a dificuldade de estabelecimento de linhas rígidas que separem o saber enciclopédico do saber metalinguístico. Ao tratar do discurso sobre alimentação presente nas enciclopédias do Brasil no império e primeira república, o autor estabelece relações entre o discurso enciclopédico e dicionarístico, afirmando que “Enciclopédias e dicionários se confundem frequentemente mesmo nos títulos: há dicionários de palavra e dicionários de coisa; dicionários idiomáticos e dicionários enciclopédicos” (ESTEVES, 2017, p. 60).

Para esse autor, há, na designação da enciclopédia de Diderot e d’Alembert, “*Enciclopédia, ou dicionário racional das ciências, artes e profissões*”, um efeito de distinção e aproximação entre esses tipos de instrumentos marcado pela conjunção alternativa “ou”, que o autor contrapõe às formulações parafrásticas “enciclopédia e dicionário”, em que se distinguem tais termos, e, “enciclopédia: dicionário”, em que tais se fundem por uma justaposição exata. Ao expor essa relação contraditória, o autor formula in(definições) que auxiliam na compreensão dessas relações:

há entre dicionários e enciclopédias diferentes imaginários daquilo que está sendo tratado: os dicionários abordam a língua; as enciclopédias, os fatos, as ciências, as técnicas. Ambos são instrumentos extremamente atrelados a uma produção imaginária de conhecimento, mas cada um com um repertório de objetos a serem construídos discursivamente na organização dos instrumentos. Ademais, a presença de informação metalinguística na discursivização dos referentes é determinante no funcionamento de dicionários e enciclopédias. (ESTEVES, 2017, p. 60).

Essa colocação é corroborada mais adiante, a partir da análise empírica de duas enciclopédias analisadas, em que o autor afirma que “nenhuma delas expõe a preocupação com o saber linguístico, embora, na análise dos verbetes, tenhamos concluído que há, sim, produção de saber metalinguístico, ainda que de modo não marcado” (ESTEVES, 2017, p. 64), o que é para nós significativo a respeito do modo de constituição do saber sobre as coisas, que não o é sem o saber sobre a língua, já que é pela língua que este é instanciado.

Para Esteves, há em comum entre esses objetos, além de sua técnica composicional de organização em verbetes em ordem alfabética, que retomaremos a seguir a partir de Auroux, o caráter instrumental didático-civilizatório, em que atuam as dimensões da apreensão, formulação, divulgação e ensino de saberes, gerais nas enciclopédia, ou metalinguísticos, nos dicionários. O autor formula tratarem-se de “Instrumentos de saber metalinguístico e instrumentos linguísticos de metassaber” (ibid., p. 62), de modo que “saber e língua estão presentes se interafetando nos dois tipos de instrumentos, mas de maneiras diferentes” (ibid.), uma vez que ambos possuem a língua como base material de sua inscrição.

Auroux (1990) se volta para a questão do saber enciclopédico, tomando-o como uma questão fundamental para a filosofia. Para o autor, ao tratar da questão da totalidade, o saber filosófico conduz a uma formulação enciclopédica, de modo que toda formulação enciclopédica, muitas vezes tomada como um simples objeto técnico, oculta uma filosofia. A organização da enciclopédia, no tocante à totalidade do saber, é questão que compartilha seus fundamentos com a produção dos instrumentos linguísticos, naquilo que concerne ao processo de redução que lhes são característicos, e se mostra importante no momento que esses saberes encontram novas formas de organização e reprodução com as tecnologias digitais online.

Em comum com a produção de instrumentos linguísticos, a incompletude é apontada como um problema essencial do empreendimento enciclopédico. Analisando a construção da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert – obra que toma como marco da organização desse saber, Auroux encontra duas respostas a essa problemática: 1) a enciclopédia se refere a um saber do mundo incompleto, mas suficiente, a partir de seus objetos possíveis; e, 2) ela define o conhecimento a partir de sua extensão histórica. A mobilidade do saber é comparada à linguagem; novos conhecimentos exigem novas palavras... a evolução do conhecimento coloca a enciclopédia em uma relação com o passado.

Auroux aponta como resultado dessa relação a adoção da ordem alfabética pelos autores da *Enciclopédia*. Tal como Chambers na *Cyclopaedia*, obra inglesa que antecedeu a *Enciclopédia* francesa, os autores adotaram a ordem alfabética em lugar de uma organização temática. Trata-se de um modo de representação do conhecimento, no qual a ordem supostamente arbitrária do alfabeto organiza as palavras de uma língua, constituindo a apresentação mais racional de uma enciclopédia, que precisa lidar com a desordem do conhecimento. Auroux afirma que, ao romper a ordem unilinear do tratado

a fim de estabelecer a ordem multidimensional do dicionário alfabético, os enciclopedistas escapam da fatigante tarefa de enumerar sem omissões os lugares do conhecimento e, acima de tudo, do fechamento proveniente da dedução transcendental das categorias.

A relação entre 1) a organização do saber proposta na enciclopédia, 2) a questão da incompletude do saber (enciclopédico e metalinguístico) e, 3) o caráter vago da separação entre a descrição de saberes sobre o mundo e sobre a língua, estabelecem a necessidade de reflexão sobre os modelos de produção e circulação de saberes propiciados pelas tecnologias digitais online. Assim como a adoção da ordem alfabética representa um modo de tratar e representar o conhecimento e sua incompletude, o uso dos buscadores, hiperlinks e organizadores semânticos lexicais representam novas formas de organização do saber.

Ao descrever o surgimento dos dicionários monolíngues como herdeiros das listas multilíngues que os antecederam, Auroux (2009) formula que “é a passagem de língua a língua (notadamente do latim ao vernáculo) que justifica o instrumento linguístico e o carreamento de seus componentes enciclopédicos e letrados” (AUROUX, 2009, p. 74) – apontando a presença do componente enciclopédico no instrumento linguístico. Na sequência o autor descreve características do funcionamento dos dicionários monolíngues: possuem entradas que se ligam pelo viés das definições; possuem como finalidade prática a normatização dos idiomas; e, tornaram-se mais complexos ao longo da história, com “marcação gramatical, codificação das formas de definição, pronúncia, sinônimos, homônimos, antônimos, marcação de domínios semânticos etc.” (ibid.).

É, pois, tendo por consideração tal historicidade que, ao sobre os processos de dicionarização online (FREITAS, 2020), não nos restringimos às formulações padronizadas de gestão do saber metalinguístico, tal qual encontramos nos dicionários já estabilizados – embora os consideremos indicadores de um nível elevado de formalização metalinguística –, mas consideraremos também formas menos sistematizadas de elaboração, desde que as formulações apresentadas cuidem da definição de termos e/ou exemplificação de usos – o que permite considerar diferentes níveis de formalização desse saber nos instrumentos analisados. Tal consideração torna necessário o desenvolvimento da questão da definição e da exemplificação em HIL, que apresentamos a seguir.

3. O axioma da definição

Discorrendo sobre a questão da definição, Auroux (1988) apresenta como a *Logique ou l'Art de Penser* (LAP) de Arnaud e Nicole institui a teoria das ideias, que vem a fornecer à teoria da definição a) os elementos (ideias) e b) a estrutura lógica da inclusão. O autor discorre assim sobre o caráter revolucionário da teoria lógica da definição apresentada na LAP. Ele trata ainda de como a transposição dessa teoria consistiu num problema epistemológico para os iluministas e como a exploração dessa teoria delineia uma teoria componencial dos sentidos. O Autor extrai, então, da LAP três tipos de definições a que se referirá como A-definição, B-definição e C-definição.

Por A-definição o autor apresenta a **definição de nomes**, que, estabelecida em uma base conceptual geométrica, realiza por meio de uma operação discursiva um gesto de atribuição de sentidos calcada na substituíbilidade. Caracterizada por ser arbitrária (não possui valor de verdade, ou seja, é “sempre verdadeira”), esse tipo de definição produz um efeito de homogeneidade obtida pela equipolaridade entre *definiens* e *definiendum*. A A-definição é a base do que hoje se apresenta como dicionário de sinônimos, que conserva essas características.

Já por B-definição, o autor apresenta a **definição de palavras**. Função dos gramáticos, segundo a LAP (porque organizam os dicionários), se diferencia da A-definição, primeiramente, por apresentar valor de verdade (que pode ser falso ou verdadeiro). Assim, são construídas para representar não a verdade das coisas, mas a verdade dos usos. Se caracteriza pela formulação: *a palavra a significa as ideias a₁, a₂, a₃... a_n*. Há nesse tipo de definição a busca do todo da significação, considerando a ideia principal e as ideias acessórias, ao que o autor aponta representar “verdadeiramente uma representação semântica” (AUROUX, 1988, p. 33).

Por ter a linguagem como objeto, a B-definição realiza uma operação metalinguística (rompendo com a atribuição e equivalência, trabalha com a significação), valendo-se do conceito de ideia (principal/acessória). É o modelo técnico que organiza as entradas do dicionário de língua, com as diversas definições. Auroux considera ainda que é provavelmente paradoxal que Port Royal considere que esse modo de definição cubra qualquer emprego, o que exclui a polissemia.

A C-definição, **definição de coisas**, apresenta uma relação entre uma ideia e outras ideias. Uma relação entre conteúdo e contingente, de modo que definir consiste em dizer que uma ideia contém outra. A formulação da C-definição é a de que a ideia *a** contém as ideias *a₁, a₂, a₃ ... a_n*, ou seja, trata-se, de uma operação componencial. De

modo que a C-definição se dá pela confrontação entre A-definição e B-definição, e já que essa contém o conjunto de definições possíveis (ideia), sendo assim completa como a B-definição e incontestável como a A-definição.

Trata-se de uma definição que busca representar as propriedades intrínsecas dos objetos, o que marca o funcionamento das descrições técnico-especializadas (linguística, literatura, gastronomia, química...), em que os objetos são descritos a partir de seus componentes (os termos da oração, os elementos da narrativa, os aromas característicos de um vinho, as propriedades químicas...). A C-definição representa, portanto, a extrapolação do que vem a ser o dicionário de língua, sendo característica dos dicionários especializados ou enciclopédicos.

Considerando, assim, que o processo de autonomização caracteriza a produção dos conhecimentos linguísticos (descrição de conceitos, e não de coisas) tomamos a C-definição como critério de exclusão na definição de *corpus* produzidos pelo *Google* que apresentam definições sem a designação de “dicionário” (Operações de busca que retornam recortes automatizados definidores), tomando assim, os modelos da A-definição (definição de nomes) e da B-definição (definição de palavra) como constituintes dos atuais dicionários de língua, para caracterizar como *operações de dicionarização* (metalinguísticas) as produções que são apresentadas nos buscadores online.

Paralelamente, os exemplos, que também comparecem abundantemente nos resultados dessas buscas, ocupam, junto às definições, lugar central na caracterização dos instrumentos linguísticos, como desenvolvemos na próxima subseção.

4. O estatuto dos exemplos

Para Aurox (1998b, p. 190) os exemplos constituem uma das particularidades das ciências da linguagem. Ele ilustra seu funcionamento pela atividade do biólogo, comparando o exemplo das gramáticas e dicionários a um exemplar de herbário, em contraste com um exemplar do campo: os exemplos constituem formas prototípicas, menções sub-referenciais dos elementos da língua. O autor vai assim descrevendo o funcionamento dos exemplos: trechos entre aspas, em itálico ou em linhas enumeradas que, num estilo sintético, se propõem a expor/corroborar a propriedade de uma regra.

Segundo o autor, “o estilo sintético supõe uma concepção extensional da regra: o que explica, de uma parte, que as gramáticas descritivas e ou pedagógicas contenham essencialmente uma lista de formas e, de outra parte, que os exemplos canônicos postos

podem servir de meios mnemotécnicos para dar nomes às regras” (ibid., p. 186). Os exemplos são parte necessária aos testes, de modo que podem servir à corroboração ou à refutação de uma regra, ao que o autor traz o caso da refutação por contraexemplo. Para Aurox, esse tipo de raciocínio, menos comum nas produções mais recentes, é marca de trabalhos eminentemente teóricos, como as gramáticas especulativas ou gerais. O autor formula que “um exemplo não é jamais escolhido ao acaso” (ibid., p. 188) pois a qualidade da argumentação depende da quantidade de análises mais ou menos implícitas.

O autor aponta um nível “metafísico” da teoria em que a abstração não pode ser contemplada ou refutada por meio do exemplo (citando a questão de que língua seja uma imagem do pensamento, contida na gramática geral; ou que um contraexemplo não invalide a autonomia da sintaxe, como propõe a gramática gerativa), no entanto, o autor não deixa de mostrar que exemplificação mobiliza um novo quadro teórico para essas questões.

Aurox apresenta então a tese de que a presença do contraexemplo, ou mais especificamente do exemplo incorreto e do antiexemplo, é uma marca *sui generis* da prática de estudos da linguagem, impossível no domínio das ciências da natureza: “um não-*corpus*, um não-fenômeno”, “os nada da existência” (ibid., p. 189). Somente nas ciências da linguagem se pode apresentar um exemplo de algo que não existe, o que é uma marca histórica do funcionamento da reflexão sobre a linguagem, ao que o autor arrola uma série de práticas normativas que baseadas no “se diz x, não y” trazem um funcionamento baseado nessa contraexemplificação (em que, paradoxalmente, se diz aquilo que não se diz).

Esse desenvolvimento leva ao raciocínio de que o antiexemplo (correspondente às formas marcadas com asteriscos nas gramáticas modernas), tomado como exemplo do incorreto, se opõe ao exemplar, que será denominado por Aurox “pró-exemplo” (ibid., p. 189). O autor desenvolverá então a ideia de que tanto antiexemplo como pro-exemplos podem ser usados para corroborar ou refutar uma teoria, de modo que ambos se submetem a valores de verdade.

O autor trata então da abstração do exemplo, dado que uma vez assim constituído, o exemplo não se presta às atividades de comunicação. Ele é separado de todo contexto, o que retira dessas frases o status de enunciados. Os exemplos não indicam fenômenos do mundo, mas corporificam uma regra – o que institui uma intercambialidade entre regra e exemplo. As gramáticas latinas nomeavam as regras por

seus exemplos. Diante da incapacidade de reconstruir uma operação linguística pela abstração algorítmica da regra, é o exemplo que garante seu funcionamento – o exemplo não é, pois, uma ilustração, mas um modelo.

Parte do processo de gramatização e de constituição de uma teoria, os exemplos servem ao ponto de vista explicativo, abarcam o normativo e, assim, constituem o funcionamento dos instrumentos linguísticos. Diferentes técnicas de produção de exemplos vêm sendo desenvolvidas com a mecanização da linguagem. Técnicas de levantamento de *corpus*, escritura automática e analisadores semânticos e morfológicos têm possibilitado avanços teóricos e aplicativos na área da linguística, promovendo novos lugares e dinâmicas para os exemplos e exigindo reflexões teóricas que deem conta desse funcionamento.

Há, portanto, nesse processo, uma relação substancial entre tais técnicas e o funcionamento da linguagem. A sobreposição das funções “buscador” e “dicionário” oferecidas pelo *Google* a partir desse tratamento computacional da língua faz com que os recortes de linguagem por ele produzidos operem no processo de instrumentação linguística, pela oferta de enunciados definidores, mas, principalmente, de exemplos, atuando na modelização da língua; isso significa avançar para a compreensão da produção informatizada daquilo que tratamos neste trabalho sob a designação de *comandos autonímicos procedimentais*, articulados pela constituição de um exemplário automatizado de circulação e formulação ininterruptas que produz injunções quanto à forma e aos processos de significação linguísticos.

Consideração finais

Como demonstrado, o conhecimento produzido pela história das ideias linguísticas é fundamental para a compreensão do funcionamento das tecnologias da linguagem. Compreender que a informatização da linguagem constitui parte dos processos de gramatização, e assim participa do funcionamento das línguas, é um gesto que amplia as possibilidades de análise e eleva a importância do estudo das ferramentas produzidas nesse meio como artefatos de linguagem.

A importância dessas ferramentas no desenvolvimento e fixação de normas que possibilitam o funcionamento da linguagem é destacada pela proposição dos comandos autonímicos procedimentais como parte dos processos de aquisição de linguagem e como processos de regulação de seu funcionamento. Nos diversos níveis em que tais

procedimentos se materializam, a circulação social por meio tecnológico é, indubitavelmente, um aspecto a ser cada vez mais compreendido e explorado.

Nesse sentido, a análise dos processos de constituição dos procedimentos de exemplificação e definição explanados em seu funcionamento histórico-linguístico por Auroux constitui uma base para a análise dos procedimentos de produção de recortes automatizados executados pelos sistemas de busca da internet, operações que ocorrem em paralelo e em disputa com os modos tradicionais de produção de dicionários, constituindo novos modos de produção dicionarística, fazendo da História das Ideias Linguísticas um campo fecundo para sua compreensão.

Referências

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp. 2009.
- AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp. 1998a.
- AUROUX, Sylvain. *La raison, le langage et les norms*. Paris: Press Universitaire de France. 1998b.
- AUROUX, Sylvain. La définition et la théorie des idées, In : CHAURAND, Jacques; MAZIÈRE, Francine. (Ed.). *La Définition. Actes du Colloque la Définition*. Paris: Larousse 18-19 nov. 1988.
- AUROUX, Sylvain. “Introduction”. In: *Histoire des idées linguistiques. La naissance des métalangages en Orient et en Occident*. Vol I. Lièges/Bruxelas: Mardaga. 1989.
- AUROUX, Sylvain. I - L'Encyclopédie, le savoir et l'être du monde. In: AUROUX, Sylvain. *Barbarie et Philosophie*. Paris cedex 14, France: Presses Universitaires de France, 1990; p. 25-44.
- AUTHIER-REVUZ, J. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. *Letras Hoje*, Porto Alegre, vol. 34, n. 2, p.7-30, 1999. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/14934/9875>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo, Contexto, 2017.
- DEZERTO, Felipe B. *Francês e colégio Pedro II: um processo de construção de um campo disciplinar escolar (de 1838 a 1945)*. Tese (Doutorado em Letras). - Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói. 2013.
- ESTEVEES, Phellipe Marcel da Silva. *Discurso sobre alimentação nas enciclopédias do Brasil: império e primeira república*. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017.
- LEITE, Marli Quadros. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira (org.). *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, p. 139-182. 2019.

FREITAS, Ronaldo Adriano de. *Instrumentos linguísticos em rede: análise discursiva de dicionários online*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói. 2020.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. In: *Alfa*. V. 28 (supl). São Paulo: UNESP, pp. 45-69. 1984.